

O DISCURSO DO OPRIMIDO OPRESSOR SOBRE SI MESMO: UMA LEITURA DE *O FETO*

Autor (Márcio Célio Freire Tôrres¹); Orientador (Sebastião Marques Cardoso²)

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, marciocft@gmail.com;
sebastiaomarques@uol.com.br)

RESUMO: Trata-se de uma análise do conto *O Feto* do escritor angolano João Melo, publicado em *Filhos da Pátria* (2008), a fim de abordar a atmosfera de violência, desigualdades sociais, pobreza e opressão deixada como legado pelos colonizadores de Angola após a libertação de seu povo. Constitui-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, com fundamento em teóricos como Hall (1999), além de autores que estudam a literatura angolana como Hamilton (1999). Observaremos que a temática principal do conto em análise é o discurso do oprimido que aproveita o ensejo para expor ao mundo toda a sua dor, refletindo suas angústias em quem não pode ter o direito de defesa própria. O conto *O Feto* do escritor João Melo representa o discurso daquele que oprime o indefeso quando deixa a posição de subalternidade e passa a ser o opressor. Essa perspectiva nos mostra que a formação nacional de Angola aponta para a ideia de que seu povo ainda sofre a influência do domínio de seus colonizadores que desde muito tempo sufocam o sentimento de nacionalismo, explicitando quão complexo é o processo de construção de identidade da nação angolana.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-colonialismo, Independência de Angola, Discurso de opressão.

Palavras introdutórias

O domínio europeu sobre países africanos sempre foi muito prejudicial para a sua cultura e língua. A identidade nacional dos povos colonizados passou por transformações e, muitas vezes, anulação da ideia de pertencimento à terra de origem. O teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (1999, p.74) afirma que “A medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”.

Muitos povos africanos que falam a língua portuguesa fazem uso da literatura para defender o que restou de seus idiomas e resistir aos padrões europeus impostos à sua cultura, religião e política. Angola foi uma das nações do continente africano que sofreu a colonização

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia – CAMEAM, Pau dos Ferros/RN. E-mail: <marciocft@gmail.com>

²Professor Dr. permanente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE - FALA) e dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: <sebastiaomarques@uol.com.br>



européia, fato que acarretou uma série de problemas sociais, políticos, econômicos e, principalmente, identitários.

A literatura surge, pois, como forma de denúncia aos desastrosos resultados da colonização e resgate da identidade de seu povo. Nesse sentido,

(...) no século XIX, quando se inicia a atividade literária em países como Angola, Cabo Verde e Moçambique, aos nossos dias, na produção literária, inscreve-se de maneira densa o peso das contribuições sobre as quais se estruturava a sociedade colonial e as suas repercussões no período que sucede à independência política conquistada nos anos de 1970 (CHAVES, 2006, p.250).

Mesmo após a independência de Angola de Portugal na década de 70 “Os descolonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo” (HAMILTON, 1999, p.17). Estudos pós-coloniais defendem que a identidade dos povos que passaram pela colonização deve ser resgatada e, nesse sentido, a literatura desempenha um papel imprescindível no processo de reinvenção da história das nações a qual foi quase que totalmente aniquilada pelos colonizadores europeus ao longo do tempo na história do continente africano, uma vez que “A herança do colonialismo não foi totalmente esvaziada na pós-colonialidade” (cf. SAID, 2011, apud CARDOSO, 2014, p. 327). Por outro lado, segundo Carvalho (2015):

O surgimento dos estudos culturais e subsequentemente o do pós-colonialismo trouxeram consigo a possibilidade de voz aos que foram silenciados pelo poder dominante, aos marginalizados por questões de cor, gênero, opção sexual e/ou condição social. A escrita desses grupos marginalizados, em meio ao contexto social vigente, converteu-se no que se denominou chamar de literaturas emergentes, devido ao processo de luta pelo qual tais literaturas passaram para ganhar o direito de voz e agência, ainda tão escasso, já que, em nossa sociedade, o eurocentrismo e a história colonialista se mostram presentes sob outras roupagens (p. 27).

Logo, muitos escritores de África usam a literatura como forma de denúncia do sofrimento de seu povo. É nos textos literários que

homens e mulheres africanos ganham forças para mostrar ao mundo suas mazelas e as consequências devastadoras deixadas pela colonização europeia. Assim, nessa esteira de raciocínio, “Os estudos de Frantz Fanon e Edward Said publicados amplamente entre as décadas de 1950 e 1980 fizeram com que estudiosos do mundo inteiro despertassem e se voltassem para uma temática, até então, pouco abordada, opaca ou esquecida” (SANTOS, 2015, p. 21).

A opressão do oprimido sobre si mesmo

É lançando mão de contos, romances, poesias e outras formas de manifestação literária do pensamento que escritores de África, engajados com seu povo e com a preservação de suas raízes, buscam arduamente resgatar sua história e fortalecer o sentimento de nacionalidade de seus compatriotas, esgarçando a realidade e condições de vida de muitos povos assolados pelo domínio estrangeiro ao longo da história, fatos esses amplamente discutidos em trabalhos de escritores adeptos de uma literatura pós-colonialista. Bhabha (2007, p. 239, apud CARVALHO, 2015, p. 29) descreve a crítica pós-colonial como sendo “testemunha das forças desiguais irregulares de representação cultural envolvidos na competição pela autoridade política e social dentro do mundo moderno”.

A Exemplo disso, o conto *O Feto* do escritor angolano João Melo, publicado em *Filhos da Pátria* (2008), aborda a atmosfera de violência, desigualdades sociais, pobreza e opressão deixada como legado pelos colonizadores de Angola após a libertação de seu povo na década de 70. A narrativa expõe a estória de uma menina angolana que entra no mundo da prostituição a pedido de sua mãe para que a família não morra de fome, pois agora viviam na cidade em condições miseráveis após sua casa ter sido destruída por um incêndio durante a guerra que assolou sua nação. Eis uma descrição perfeita que pode muito bem se ajustar às características do local em que a família passou a viver desde então:

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

É em um ambiente como esse que a jovem protagonista do conto, a quem o autor não dá nome, engravida e causa o aborto do feto, fruto de uma relação sexual com um homem branco, um “colonizador”. Ela se dirige ao leitor justificando o seu crime diante da imprensa e aproveita esse momento para denunciar toda a crueldade dos homens brancos que destruíram o seu lar que ficava no meio do mato, longe da cidade e distante da violência e da pobreza que ora destroem sua família.

A morte do feto abortado pela personagem protagonista representa a consumação de seu desejo de vingança em relação a todos os homens brancos colonizadores que, por muito tempo, massacraram a nação angolana, tirando-lhe a paz e destruindo sua identidade.

A narrativa nos revela a relação entre colonizado e colonizador representados, respectivamente, pela menina e pelo feto morto intencionalmente. Neste trecho do conto observamos que a menina apresenta as suas justificativas de seu crime para seu interlocutor o qual se mantém sempre em estado de afonia e inércia durante toda a narrativa:

É verdade mesmo, esse feto que está aí no chão esvaindo-se totalmente no meio do lixo era meu mesmo sim senhor, pra quê que eu vou mentir então, não preciso, eu não queria esse canuco, seria mais um só pra me atrasar a minha vida, além disso quem é mesmo o pai dele, não sei, eu sou puta, fodo com todo o mundo, brancos, pretos, mulatos, filipinos também, a minha mãe mesmo é que me mandou na rua mas não vale a pena lhe condenarem só à toa, aqui mesmo nosso contexto quem é que pode atirar pedradas nas costas dos outros (...) (MELO, 2008, p. 147)

A partir desta fala da personagem, é possível notar que a estória é narrada claramente em primeira pessoa e em uma espécie de fluxo de consciência, como podemos perceber no supracitado trecho e em outros momentos em que a protagonista apenas fala de sua vida e de suas frustrações a todos os espectadores, dirigindo-se algumas vezes à sua mãe da qual não recebe resposta às suas indagações, tampouco de outros a que lança perguntas sem retorno.

Trata-se, portanto, de uma exposição da visão do oprimido em relação ao opressor quando aquele consegue revoltar-se contra este – entendendo que a criança morta mesmo antes de nascer é carne de sua carne e sangue de seu sangue, embora descendente de um homem branco (na figura do colono), possivelmente –,

mesmo que as consequências recaiam sobre si mesmo, uma vez que não é da criança morta, para não dizer assassinada, pela própria mãe em um momento de revolta e rancor a culpa de carregar toda a carga de miséria, violência contra sua família, opressão e a extinção de seus sonhos:

(...) ela já não aguentava mais, desde que chegámos do mato vida dela é só levar porrada do meu pai, o meu pai não trabalha, de manhã fica só a olhar lá muito longe, o coração dele ninguém que sabe onde está, de tarde vai na praça chupar caporoto, de noite todos os dias porrada na minha mãe, os meus dois irmãos desapareceram na guerra, na escola não me aceitaram, porque onde está o certificado, porque como é que vamos provar que você estava mesmo na quarta, porque é melhor ir no Ministério, porque, porque, porque, eu disse puta que pariu esses porques (...) (MELO, 2008, P. 147).

A autor deixa evidente que para a sua personagem principal que faz a exposição de sua vida para os ouvintes que se mantêm inertes diante dos fatos relatados pela jovem menina não há esperança de mudança para a sua vida repleta de tragédias causadas pela guerra em seu país: “(...) é melhor mesmo voltar na nossa casa no mato, mas como se a nossa casa no mato não tem mais, desapareceu como os meus irmãos, só tivemos mesmo tempo de carregar algumas imbambas, fugimos, cada um foi pro seu lado, tipo bichos (...) (MELO, 2008, p. 147).

Por isso, por causa da guerra em sua nação, sua família passa a ser um bando de refugiados miseráveis e famintos na cidade, para onde jamais sonhavam ir morar. O resultado disso é a devastação da paz familiar e a falta de perspectiva de futuro, principalmente para a menina que seria mãe, caso não tivesse arrancado seu filho (sem pai definido, talvez um homem branco) do ventre com o auxílio de sua mãe que a obrigou a se prostituir para manter sua família viva.

Contudo, a jovem mãe que cometeu o infanticídio entende que aquele corpo sem vida esvaindo-se no lixo representa todos os homens estrangeiros colonizadores, responsáveis pela destruição de seu lar que ficava situado na tranquilidade do mato, culpados pela violência que ora se implantara dentro de sua casa entre seus pais, e pela morte de seus irmãos que se perderam na guerra. Podemos entender, pois, que a morte da criança indefesa pela própria mãe também indefesa – uma vez que esta é vítima da

violência, pobreza generalizada, fome e prostituição como único caminho para a sobrevivência – representa na estória o momento em que o discurso do oprimido (a jovem mãe) contra seu opressor (a figura dos homens brancos, os colonizadores) reflete e refrata sobre si mesmo ao descarregar sobre um inocente a culpa de seus algozes. Nesse sentido, pode-se afirmar que “A condição de subalternidade é a condição do silêncio” (CARVALHO, 2013, p. 55, in: ALMEIDA; GOMES; RIBEIRO, 2013). Assim, quando teve a oportunidade de vingar-se de seus opressores o fez em quem não podia se defender tampouco falar por ainda ser de tenra idade. Aliás, este feto ainda não estava no tempo de vir ao mundo, mas foi lançado fora do útero direto para a sarjeta sem nenhum remorso por parte de quem devia cuidar e recebe-lo com carinho por ser tão pequeno e vulnerável.

Pelo contrário, a menina decide agir da mesma forma cruel com que os homens brancos fizeram com sua casa, seus irmãos e consigo mesma, igualando-se, por isso mesmo, aos que um dia a oprimiram tão desumanamente. Sob este aspecto, portanto, compreendemos que, neste caso, “Aquele a quem sempre se disse que ele só compreendia a linguagem da força decide expressar-se pela força. Efetivamente, desde sempre, o colono lhe mostrou o caminho que devia ser o seu, se quisesse libertar-se” (FANON, 2005, p. 102 apud CARDOSO, 2014, p. 325).

Em um primeiro momento, pode-se lançar sobre a protagonista que cometeu o crime contra o próprio filho a culpa sobre tal ato. Porém a personagem se explica, relatando seus sofrimentos e a necessidade de ser prostituta para não deixar sua família morrer de fome:

(...) eu sinto dor mas não digo nada, tenho de começar a arrumar a minha vida, a minha mãe é que me disse mesmo mas não vale a pena lhe falarem mal, ela todos dias leva porrada do meu, não tem culpa, eu também não tenho culpa, ninguém tem culpa, todos têm culpa, os piores são os homens que gostavam das minhas chuchas embora que elas mal se vissem (...) (MELO, 2008, p. 149).

Em outro trecho, a personagem expõe seu desejo em ter a sua vida de volta, quando viver era simples e não causava sofrimento: “eu só queria correr, fugir outra vez, ir no colo da minha mãe, voltar na nossa casa no mato” (MELO, 2008, p.149). Porém, volta-se para a realidade em que se encontra, conformando-se com o que lhe resta:

(...) eu ainda só tenho quinze anos, deixo fazer tudo, também o que querem que eu faça se a minha casa do mato lhe incendiaram na guerra, o fogo destruiu tudo, a memória do meu pai, a coragem da minha mãe, os meus sonhos e o meu destino, é por isso que eu deixo os homens me fazerem tudo, pois todos os dias tenho que levar algum dinheiro pra casa pra comer, agora já não sinto dor quando tenho de foder, mas também não sinto prazer, não sinto nada, aliás absolutamente nada, apenas um grande vazio” (...) (MELO, 2008, p. 151).

Às vezes, seu desejo de vingança vem à mente, porém sem êxito na prática: “mas a verdade é que esses sonhos são mais delírios do que sonhos, desde que tive de abandonar às pressas a minha casa do mato nunca mais que pude ter sonhos” (MELO, 2008, p. 152). No entanto, a protagonista acaba tornado realidade sua vingança ao cometer o aborto do próprio filho, consequência de relações sexuais que teve com algum de seus clientes no mundo da prostituição:

(...) por isso jamais me vinguei dos homens que me têm feito sofrer, a não ser ontem, quando joguei esse feto que está aí no lixo para ser comido pelos ratos, baratas e cães, pra quê mentir então se eu não preciso disso, eu sou puta, a minha mãe é que me escolheu esse destino pois não podia morrer à fome, já lhe basta levar porrada todos os dias do meu pai (...) (MELO, 2008, p. 152)

Ao saber que a rádio, televisão, polícia, padres e algumas ONG's estavam no local do crime, a personagem, pela primeira vez, sente-se que diante dela está a oportunidade de fazer ouvir a sua voz, declarando o que sempre quis dizer, pois ninguém nunca havia escutado e compreendido suas dores a angústias: “o que estamos a dizer aqui está a ser ouvido na rádio, a minha voz está a ser ouvida na rádio, ah, então quer dizer que posso aproveitar e desabafar tudo aquilo o que ensombra o meu coração, dizer embora algumas verdades” (MELO, 2008, p. 154). Ela também é consciente de que a sua terra foi invadida e a história de seu povo tomou outro rumo devido a seus invasores (colonizadores):

(...) mas quem são eles, representantes de quê, ONG's, o que é isso, come-se, mas quem é lhes chamou aqui, esses pulas não mudam mesmo, pensam que ainda continuam a mandar, ajuda, ora, ora, ajuda de quê, querem masé nos impor os seus hábitos e costumes, as suas fórmulas, os seus padrões (...) (MELO, 2008, p. 155).

Finalmente, após fazer seu desabafo, a protagonista declara que a sua vontade é nunca ter sofrido as crueldades da guerra que destruiu sua nação, seu lar, sua família e seus sonhos: “mãe, eu só quero paz, quero sentar-me no teu colo e adormecer como antigamente quando estávamos no mato antes da guerra chegar, quero sossego e tranquilidade, quero regressar de novo para o interior da tua placenta, mãe” (MELO, 2008, p. 155). A menina deixa claro, portanto, que para viver e sofrer, melhor nunca ter nascido. A opressão por ela vivida a anulava como ser humano e como pessoa, uma vez que não tinha mais identidade, não possuía mais o lar de outrora e o atual não é seu, ou seja, tiraram-lhe tudo, inclusive a vontade de viver.

Considerações finais

Podemos concluir que o escritor João Melo em seu conto *O Feto* faz uma representação do discurso daquele que oprime o indefeso quando está em posição de vantagem, explicitando quão complexo é o processo de construção de identidade da nação angolana, tendo em vista que a figura do colonizador ainda consegue apagar a memória de uma nação e arrancar as suas raízes a fim de que os sujeitos percam a noção de identidade e, assim, sejam mais vulneráveis à ação de dominação, tornando-se subalternos ao poder do opressor. Em síntese, “Nessa operação, toda a vida psicológica do colonizado foi transformada (deteriorada) à medida que a imagem construída do colonizador acerca do colonizado, em bases raciológicas, ia se naturalizando” (CARDOSO, 2014, p. 325).

Referências

ALMEIDA, J; GOMES, H. T; RIBEIRO, A. M. (orgs.). *Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas*. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, 20013.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CARDOSO, Sebastião Marques. **Cosmologia literária da violência: uma leitura sobre a condição pós-colonial africana**. *Crítica cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 323-333, jul./dez. 2014.

CARVALHO, Eliana Pereira de. O discurso pós-colonial: A alegoria do discurso racial no terceiro espaço de O cercado, de Ramatis Jacino. In: NERY, Elenice Maria; SOUZA, Elio Ferreira de; COSTA, Sílvia Maria Fernandes Alves da Silva (org.). **Entre Negros e Brancos, o que ficou? – Diásporas, identidades e representações em literaturas africanas e afrodescendentes nas Américas**. Jundiáí, Paco Editorial: 2015. Parte I. p. 27.



CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna: para uma teoria da subalternidade e do luto cultural. In: ALMEIDA, J; GOMES, H. T; RIBEIRO, A. M. (orgs.). **Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, 20013.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. Disponível em: [ttp://bit.ly/MlkV95](http://bit.ly/MlkV95). Acesso em 16 de maio de 2012.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAMILTON, Russell. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. Anais IV Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo, USP, 1999.

MELO, João. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Naiara Sales Araújo. Prefácio. In: NERY, Elenice Maria; SOUZA, Elio Ferreira de; COSTA, Sílvia Maria Fernandes Alves da Silva (org.). **Entre Negros e Brancos, o que ficou? – Diásporas, identidades e representações em literaturas africanas e afrodescendentes nas Américas**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015, 304 p.